

PROPOSTA DE AÇÕES DE PESQUISA E EXTENSÃO BASEADO NA DISPERSÃO DA PRODUÇÃO DE ARROZ NO CERRADO BRASILEIRO

CARLOS MAGRI FERREIRA¹, PATRICIO MENDEZ DEL VILLAR²,
RAFAEL RIBEIRO MAGRI³

INTRODUÇÃO: O estudo sinaliza algumas propostas de ações de pesquisa e extensão rural para a rizicultura no cerrado brasileiro. O elemento norteador foi um zoneamento em 1.080 municípios que possuem território nesse bioma. Os dados da localização e movimentação da produção foram calculados a partir das médias de produção nos triênios de 1990 a 1992 e de 2001 a 2003. Nessa caracterização ficou evidenciada a tendência de concentração de produção deste cereal em algumas regiões. No entanto, as demais áreas produtoras continuam tendo um papel importante em termos quantitativos. As sugestões feitas levam em conta essa situação e a diversidade existente entre as regiões. A proposta é que as regiões com menor densidade de produção recebam atenção especial nos programas de pesquisa, pois exercem uma função essencial no abastecimento das populações locais, ou seja, têm significação econômica e social.

MATERIAL E MÉTODO: Foram obtidos dados no IBGE (2005), do período de 1990 a 2003, de produção e área plantada com arroz nos municípios que estão na região do cerrado brasileiro. Neste estudo foi considerada somente a área de cerrado contínua, ou seja, não foram apreciadas as faixas de cerrados existentes nos estados de São Paulo, Paraná, Piauí e outros. Posteriormente foi calculada a produtividade e feitas análises estatísticas determinando os índices de Gini e colocando os municípios por ordem de participação percentual de sua produção de arroz em relação a produção total deste cereal em toda a região do cerrado. Em seguida foram criadas faixas de participação, tendo em conta a média de produção dos triênios 1990 a 1992 e de 2001 a 2003. Foram criadas cinco faixas para distinguir a concentração de produção de arroz nos cerrados. A faixa 1 caracteriza os municípios que concentram até 35% da produção total, a faixa 2 de 36% a 50%, a faixa 3 de 51% a 75%, a faixa 4 de 76% a 85%, e a faixa 5 sem produção expressiva, que completam os 100%. A caracterização foi colocada em forma de mapas utilizando o programa MapInfo Professional® 8.0.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: Observa-se na Figura 2 que no início dos anos 1990 a faixa 1 continha 104 municípios. No início dos anos 2000, nota-se que este

¹Socioeconomia. Embrapa Arroz e Feijão, Caixa Postal 179, CEP 75375-000 Santo Antônio de Goiás, GO. Email: magri@cnpaf.embrapa.br.

² Socioeconomia. Centre de Coopération Internationale en Recherche Agronomique pour le Développement, Avenue Agropolis- TA 73/09, F-34398, Montpellier, Cedex 5. patricio.mendez@cirad.fr

³ Aluno de Graduação em economia, em iniciação científica no Programa de Educação Tutorial - PET. Universidade de Brasília, rafaelmagri@hotmail.com.

índice foi alcançado por apenas 26 municípios (Tabela 1). Portanto, ocorreu uma concentração da produção neste período, o Índice de Gini passou de 0,7771 para 0,8442 (Figura 1). Na faixa 1, observa-se ainda que no início dos anos 1990 a produção de arroz encontrava-se localizada em três regiões: a) ao longo do *Arco de desmatamento*, principalmente nas microrregiões de Alto Teles Pires e Sinop no Estado de Mato Grosso; b) no Estado do Tocantins, na microrregião do Rio Formoso; c) e em Mato Grosso do Sul, na microrregião de Dourados. No início dos anos 2000, as duas últimas regiões se mantêm importantes, no entanto, um terço da produção concentrou-se na região conhecida como “nortão” de Mato Grosso (Figuras 2 e 3). Na figura 1 observa-se também que a concentração varia de ano para ano. Duas informações depreendem-se desse dado, a primeira ratifica a instabilidade da produção do arroz de terras altas. A segunda é uma questão de lógica, se que as áreas que deixam de ser utilizadas com arroz de terras altas recebem outra cultura. Então, para fazer prospecção para a lavoura do arroz é fundamental considerar os outros cultivos realizados na região.

Na faixa 2 as alterações não foram grandes em termos numéricos, porém, houve trocas de municípios para formar sua composição. Na faixa 3 houve uma redução drástica no número de municípios, destacando a perda importância de diversos municípios nos Estados de Goiás e Tocantins. Na faixa 4 sucedeu uma mudança quase que total da situação dos municípios. E na faixa 5 foi a que mais agregou novos municípios.

Tabela -1 Concentração da produção de arroz nos municípios abrangidos pela área contínua do cerrado brasileiro.

Faixas	Percentual		Triênio 1991 a 1993		Triênio 2001 a 2003	
	Da faixa	acumulado	Nº de municípios	% em relação ao número total de municípios	Nº de municípios	% em relação ao número total de municípios
1	35	Até 35	104	9,4	26	2,3
2	15	36 a 50	93	8,4	86	7,7
3	25	51 a 75	317	28,5	96	8,6
4	10	76- 85	157	14,1	154	13,9
5	15	86-100	440	39,6	749	67,4

Fonte: IBGE (2005), adaptados pelos autores.

O que se observa nos resultados é que as regiões de Sinop em Mato Grosso, produtora de arroz de terras altas e duas regiões produtoras de arroz irrigado, Formoso no Tocantins e Miranda em Mato Grosso do Sul se mantiveram ao longo do período estudado como importantes centros produtores. Essas regiões atendem alguns critérios econômicos e de logística que facilitam a comercialização, mas essas vantagens não foram suficientes para consolidá-las como pólos capazes de atender as demandas de qualidade e quantidade. Diante dos dados apresentados e imposição estrutural de se considerar critérios de sustentabilidade, sugerem-se as seguintes estratégias de linhas de pesquisa e de extensão para apoiar a rizicultura nos cerrados.

O primeiro desafio a ser enfrentado nas regiões com concentração de produção é identificar os pontos de estrangulamento e maneiras de atacá-los. Como nessas regiões predominam grandes produtores, tornam-se factíveis parcerias com empresas privadas, esse tipo de ação é desejável tanto para viabilizar a obtenção de recursos financeiros,

como pelo fato de proporcionar maior envolvimento dos atores da cadeia produtiva. Como conseqüência espera-se atingir dois pontos. Primeiramente, provoque uma agilização dos processos de difusão, pois aumenta a compreensão pelos atores dos pontos de estrangulamentos e potencialidades, além de aumentar o comprometimento com diretrizes propostas. O segundo ponto é que os recursos públicos destinados às instituições de pesquisa e extensão rural sejam aplicados em zonas menos favorecidas.

Para as regiões com produção pulverizada, é indispensável a participação de empresas estaduais de pesquisa e extensão rural, cuja função seria de promover ajustes fitotécnicos e de co-participação no desenvolvimento de variedades com características que atendam às particularidades regionais. Em ambos os casos, caberia à Embrapa Arroz e Feijão a condução de pesquisas básicas e desenvolvimento de trabalhos de base dos programas de melhoramento. Outra sugestão é que tenha uma instituição que exerça uma coordenadora do processo. A gestão dessa instituição jamais pode ser centralizadora, pelo contrário deve ser democrática nos levantamentos de prioridades, deve estimular o maior número de parcerias, exercer uma gestão rígida e ordenada para evitar duplicidade de ações.

CONCLUSÕES: Para manter o arroz como um dos principais produtos no cerrado, deve-se identificar e apresentar soluções para os problemas nas regiões com maior potencial de se tornarem grandes pólos de produção e viabilizar a cultura nas demais regiões. Em ambos os casos a cultura deve se inserir de maneira integrada com outras atividades agrícolas. A participação de empresas estaduais de pesquisa e extensão, bem como de empresas privadas tornarão o processo mais efetivo. Neste processo a Embrapa Arroz e feijão continuaria com a sua missão de realizar pesquisas básicas, desenvolvimento de trabalhos de base de programas de melhoramento e coordenar medidas para o surgimento de uma instituição gerenciadora de um projeto para a rizicultura no cerrado.

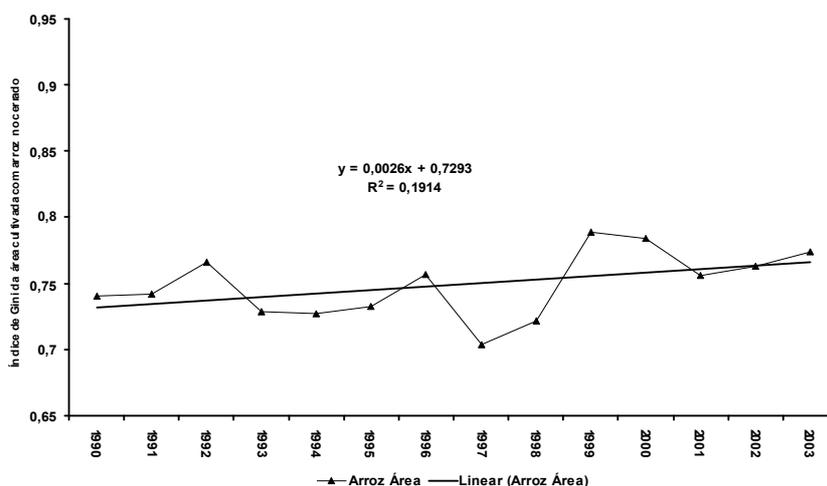


Figura 1 – Índice de Gini da cultura de arroz no cerrado
Fonte: IBGE (2005), adaptados pelos autores.

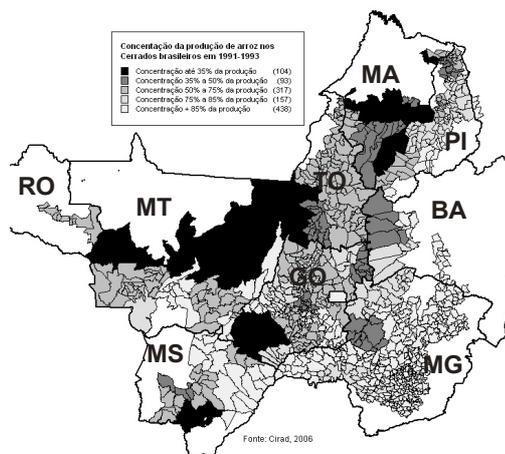


Figura 2 Distribuição da produção de arroz no cerrado brasileiro, médias de 1991 a 1993.

Fonte: IBGE (2005), adaptados pelos autores.

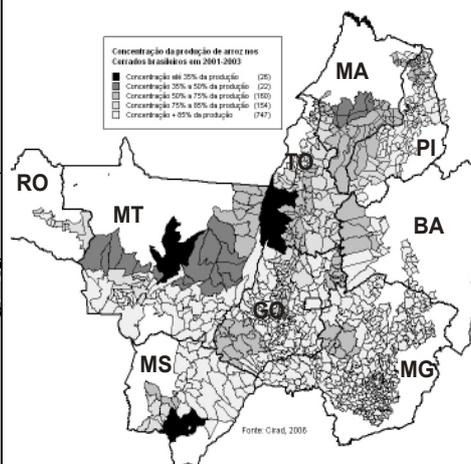


Figura 3 Distribuição da produção de arroz no cerrado brasileiro, médias de 2001 a 2003.

Fonte: IBGE (2005), adaptados pelos autores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

IBGE. Produção agrícola municipal. Culturas temporárias e permanentes. 1990-2003). Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em dezembro. 2005.